

Um limeirense chamado Zelão

Júlio Marcondes

Trabalhar em repartição pública é sempre a mesma coisa, principalmente no Judiciário: são pessoas pedindo processos, advogados apressados em ver suas causas, outros que pensam que funcionário público não faz nada. Enfim, aquele parecia mais um dia comum na vida de quem trabalha em um sistema burocrático.

Foi quando, pela manhã, vi entrar um homem negro, magro, com os cabelos raspados, vestindo camisa branca com listas azuis e calça jeans. Segurava uma pequena valise branca maltratada pelo tempo, com cartões de visita pregados na superfície.

- Por favor, a Cláudia está?, perguntou para a funcionária, em um tom imperativo e alegre.

- Está, sim. Só um minuto que vou chamar!

Ao descer as escadas, pois trabalha no segundo pavimento daquela repartição, a funcionária foi recebida com entusiasmo:

- Cláudia, quanto tempo! Como você está?

Ficaram conversando por uns dez minutos, aproximadamente. Mas aquele homem tinha algo que instigava. Ao mesmo tempo em que se notava felicidade em seu semblante, seus olhos demonstravam certa tristeza. Desejei saber um pouco mais da história daquele cidadão falante. que também gesticulava muito.

Ao terminar a conversa os dois se despediram e o visitante foi embora. Em seguida Cláudia veio à minha mesa e perguntou:

- Você conhece o Zelão?

- Não, respondi.

- Você sabia que ele foi catador de papelão?

Logo imaginei que poderia ser uma figura interessante para mim, pois pensava em fazer no meu trabalho de conclusão de curso um ensaio fotográfico sobre catadores de papelão. Além do mais, ele parecia ter algo diferente dos personagens que costumávamos ver diariamente pelas ruas. Percebia-se a diferença por sua postura ereta, e as roupas, que apesar de simples, eram elegantes e bem arrumadas.

Conforme minha colega de trabalho contava um pouco da história desse personagem, comecei a perceber que realmente se tratava de uma exceção à regra. Logo

quis marcar uma entrevista com aquela figura que poderia ser meu objeto de trabalho e, mais do que isso, uma forma de promover a reflexão sobre uma categoria que vem crescendo e se organizando no Brasil, haja vista as cooperativas.

João Alexandre Botelho, mais conhecido como Zelão, tem trinta anos, mas aparenta um pouco menos justamente por sua fisionomia alegre, que por vezes contrasta com um ar mais sério, dependendo do assunto. Mais da metade da vida passou em orfanatos. Até os 12 anos ficou no Nosso Lar, e após, passou para o Lar do Moço, ambos em Limeira.

Zelão foi parar no orfanato por determinação judicial, depois que seus pais o abandonaram. Sabia apenas que tinham ido para Minas Gerais. No abrigo para crianças descobriu o que realmente queria fazer da vida: cantar. Desde os sete anos, sempre que tinha oportunidade, entoava canções.

Quando completou a maioridade, conseguiu encontrar os pais sumidos há tempos. Desde então passou a morar com eles em uma casa simples no Jardim Nova Suíça. Foi quando começou, juntamente com o pai, a catar papelão para sustentar a família.

O catador-artista percorria a cidade inteira conduzindo uma carroça que tinha um retrovisor de carro do lado esquerdo e um detalhe indispensável: o rádio. Desde que saía de casa, às sete da manhã, o rádio ficava ligado enquanto Zelão soltava a voz para mostrar que o que sabia e queria fazer era cantar.

- Sabe, Júlio, conforme eu passava com meu carrinho e ia cantando, acompanhado do meu radinho, as pessoas me davam papelão para eu catar!

Foi assim que ele se tornou uma figura conhecida na cidade. Passou a cantar na praça Toledo Barros, em churrascarias, pizzarias, casas de videokê; sempre correndo atrás de seu objetivo. Em 2001 o pai fez com que ele parasse de catar papelão, em virtude de um problema de coluna e por tomar remédios fortes que o impediam de fazer grandes esforços. O pai de Zelão continua catando papelão, mas o filho aproveitou para investir na carreira de cantor.

Hoje ele conta que negocia com uma empresária, cujo nome não quis revelar, para tentar gravar um CD e promover o “Zelão Show”, nome de seu espetáculo. Além disso, busca um parceiro para formar dupla e cantar as músicas compostas pelo irmão. Diz que seu único objetivo, com a música, é poder sustentar a família.

Com voz firme, o ex-catador mostra que deixou para trás o sofrimento e a tristeza, fazendo das dificuldades um combustível que alimenta sua vontade de vencer. Nada lamenta e por nada se deixa abalar. Fez do trabalho de catar papel uma ferramenta para mostrar seu trabalho e habilidades.

Quantos “zelões” existem espalhados pelo Brasil que estão em busca de um sonho e que encaram a vida com alegria que faz superar obstáculos e os ajuda a vencer?